

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE LETRAS E ARTES

ESCOLA DE BELAS ARTES – EBA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS

Neófito

Disciplina: História e Teoria da Arte Moderna e Contemporânea I

Curso: Doutorado em Poéticas Interdisciplinares

Professor: Carlos Murad

Aluno: Carlos Eduardo Felix da Costa

Ano: 2009

INTRODUÇÃO

*Escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir.*¹

Gilles Deleuze e Félix Guattari – *Mil Platôs Vol.1*

Frágil, mas leviana ao ponto de inspirar a divagação, inicio este texto sob a proteção desta citação. Ela resume meu desejo de viajar sobre meus próprios fragmentos. Um conteúdo de impressões rotineiras, de cunho doméstico, que me servem de ancoradouros para o pensamento. Neles, ao invés de buscar a calma, servimo-me de inquietação e urgência para seguir. Navego por um arquipélago de ilhas distantes, mas que percebo possuírem litorais complementares. Não sei dizer se estão se afastando ou se aproximando entre si. Algum dia talvez formem um conjunto coeso, ou o mesmo já se deu, e hoje se distanciam. Difícil precisar, mas cabe apenas a mim cartografar estes territórios em perpétua migração. Hora oásis, hora pântanos, no fundo elas não passam da tentativa de afastar-me daquilo que Jack London em *A Estrada* chamou de *trabalhar a vida inteira no mesmo turno*.²

Para tanto, um método mínimo foi estabelecido. Ao visitar estes locais, me apropriei de tudo o que ouvi. Fábulas, histórias perdidas, inventadas por mim ou modificadas para melhor me servirem. Não há uma ordem cronológica definida. Alguns destes apontamentos são antigos e foram revisitados diversas vezes, outros surgiram espontaneamente através de eventos recentes. Mas são sempre tentativas – *tentativas sobre algo*.

Apenas o essencial é dito, mas com extrema liberdade formal. Os ritmos, pausas, silêncios e lacunas, nada mais são do que a deriva de minhas idéias e o senso de aventura e risco em aceitá-las como fonte de reflexão. Muitas vezes esse elo é dado apenas por uma palavra em comum entre os registros, ou o golpe de uma nova idéia, que impulsionou outro pequeno conto. Como Sheherazade, pretendo salvar minha vida a cada noite ao encadear uma história na outra.

SOBRE COMPROMISSO

Um homem que respeito e ouço me diz que alguém que decide fazer um doutorado deve querer *estar em tese*. Deve durante esse tempo questionar tudo o

¹ DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil Platôs - Capitalismo e Esquizofrenia, Vol. 1*. São Paulo: Editora 34, 2007. Página 13.

² LONDON, Jack. *A Estrada*. Rio de Janeiro: Boitempo Editorial, 2008. Página 60.

que aprendeu até então, e não ir em busca de fontes que confirmem ou reforcem os conhecimentos que adquiriu. Mas que os corra e abale seu frágil abrigo intelectual. Se depois disso, algo ainda ficar em pé, então sim, isso é sólido e poderá servir de base para uma nova construção, que no momento devido deverá ruir novamente.

Mas por que certos indivíduos se expõem a tantos riscos?

Houve na China um grande templo erguido em homenagem a Buda. Na verdade todos os templos o são, mas esse distinguia-se por uma característica; a cada ciclo de 10 anos deveria ser inteiramente demolido. Tijolo por tijolo o edifício tinha de ir abaixo. Os monges que nele trabalharam eram substituídos e um novo grupo os sucedia e a reconstrução tinha início idêntica ao anterior. Esse gesto garantia, segundo o mestre, que o real motivo pelo qual o templo havia sido construído nunca desaparecesse.

Nunca haverá um templo pleno, não haverá tempo suficiente para que seja percebido como tal. Enquanto está sendo depositada a última pedra, em outra ponta sua complementar simétrica está sendo retirada. O que temos é um templo fluxo, que mede o fluxo do tempo.

Em antigas olarias indianas os operários moravam em estruturas construídas com os tijolos que produziam. Paredes em formatos de cômodos surgiam à medida que o barro saía dos fornos. Por ser uma região muito seca não havia necessidade de teto. Conforme a negociação da produção, quartos eram desmontados, salas reconfiguradas e espaços adaptados. Num dia poderiam estar morando em amplos espaços e em semanas em cubículos.

Nas artes marciais o guerreiro experiente é reconhecido pela cor negra da faixa que amarra seu quimono. É o símbolo de sua experiência, sabedoria e conhecimento adquirido com esforço, dor e sacrifícios.

Ao iniciar seu treinamento usou no lugar uma faixa de cor branca. Ela representava sua inocência, ingenuidade e humilde posição. Entre a faixa branca e a preta há um longo caminho a ser percorrido.

Marcar com cores a faixa de um aluno tornou-se uma forma de informar em que estágio este se encontra. Mas há algo que não deve ser esquecido. Quando as artes marciais surgiram o aluno apenas usava uma faixa para amarrar suas calças durante os treinos. Ela era alva porque o treinamento ainda não havia começado. Esta escureceria se o candidato suportasse a rotina do dojô. Após algum tempo este pedaço de pano estaria escuro, sujo e suado. Passado mais tempo ainda ficaria completamente preto. Mas se ainda assim, o agora já experiente guerreiro não cessasse seus treinos, sua faixa começaria a puir, desgastar e voltar a ser branca.

O desafio do verdadeiro mestre é após percorrer o caminho para o conhecimento retornar à inocência, de ter a coragem de recomeçar com a serenidade de um quase infante.

(19.07.09)

Hoje recebi uma correspondência de uma editora italiana que está escrevendo o catálogo de uma exposição que irei participar em breve. *After Utopia*, é seu título. Na mensagem ela pergunta o que eu entendo por “utopia”. Petulantemente, sem consultar qualquer fonte de informação mais segura ou confiável, recordei uma história que meu pai me contou quando era um menino ao pedir um exemplo de sacrifício. Até então a fonte de informação mais segura e confiável que conhecia:

“Dizem que durante a decapitação de Robespierre e seus companheiros, na segunda fase do *Terror*, que ele virou-se para seu carrasco antes de morrer e pronunciou:

– Nem mesmo você será capaz de impedir que nossas cabeças se beijem dentro do cesto.”

Fiquei muito impressionado com aquilo na época. Usei este trecho para responder a entrevista. Pareceu-me servir bem para idéia de comprometimento e utopia.

SOBRE A ROTINA DO DOJÔ

(06/06/09)

Hoje trabalhei intensamente. Executei a seqüência de atos repetitivos que os atuais trabalhos necessitam. É algo difícil de descrever. O tempo é transcrito em ciclos de gestos. A cada duas horas eles variam de natureza, mas são em essência os mesmos.

Riscar, perfurar, colar, preencher mares, cobrir distâncias. Sem sair do lugar devo ocupar a topologia do papel. Mais que suporte, ele me é espelho. Não há como pular etapas, tornar a jornada mais rápida. Não há como simular “efeitos”, porque o estado desejado da superfície só é alcançado como consequência, como reflexo do labor.

Enquanto se dá o atrito entre os materiais, dramas internos se abrem para minha investigação ou contemplação. Viagens são feitas, planos são traçados, brigas e conversas desenrolam-se em minha cabeça. Traumas são revividos, traumas são resolvidos. Toda uma sorte de devaneios será exorcizada enquanto estas atividades mecânicas forem sustentadas. Porém o trabalho não tolera erros. Exige minha atenção constante. Se me descuido e vou para longe, ele me castiga com a quebra da ponta de um lápis, o erro no cálculo de uma medida, uma martelada no dedo. Pequenos acidentes que me obrigam a recomeçar e resgatam a concentração. Voltando a ser subalterno de caprichos que inventei e sou voluntariamente penitente.

É um estado muito interessante. Fico pendurado entre atividades monótonas e repetitivas, que necessitam de concentração, paciência e foco, ao mesmo tempo que sou convidado por esta ausência de mudanças ao devaneio e a introspecção. Lidar com estes aparentes antônimos é um exercício intenso. Porque sempre que ocorre alguma descontinuidade, uma lacuna é aberta; uma fenda superficial – onde há apenas um momentâneo desencontro com os materiais, e logo o objetivo inicial é retomado – ou uma rachadura profunda, onde estão ocultos vetores para novos trabalhos e possibilidades narrativas. Nestes momentos, surge a possibilidade de que o significado que busco não esteja no interior daquele gesto, mas no que pode estar escondido quando falho em sua execução. O que torna tudo muito estranho, porque não sei se estou executando uma idéia, ou prospectando outras. Provavelmente ambos. Trabalhos novos surgem de trabalhos em processo, que obviamente necessitam de atenção e devem ser gestados com cuidado. Mas só quando esquecemos a finalidade pela qual os iniciamos é que estamos aptos a escutar o que há travestido no acidente.

Esses níveis de inversão me fascinam, porque subvertem a objetividade e inauguram campos, sobretudo, para o processo e para uma qualidade de ocultosedutora; de que as coisas estão aí ditas, todas elas, transparentes e como fontes de contentamento. Tanto em suas execuções perfeitas, quanto em suas não realizações ou colapsos. O que nem sempre estamos aptos é em percebê-las como tais.

Há uma lenda judaica que diz que Deus escreveu as leis na tábua sagrada utilizando dois fogos, um branco e um negro. Com o fogo negro foram escritas as

palavras, com o fogo branco foram escritos os espaços entre as letras que possibilitaram a leitura das palavras. Durante sete mil anos o homem lerá as palavras escritas em preto, mas nos próximos sete mil anos o homem aprenderá a ler os espaços em branco.

Alguns músicos de jazz dizem que as notas não tocadas são tão importantes quanto as executadas, que a poesia musical se esconde nos intervalos entre os sons, ou ainda que tocar um instrumento bem é administrar seu silêncio no delicado processo da improvisação. Ação e não ação encontram-se em igualdade, não há hierarquia, valoração. A potência coexiste tanto no *acerto*, quanto no *erro*, que aliás tornam-se desnecessários como adjetivos, uma vez que o que interessa é apenas a resposta mais legítima, a mais honesta. A que mais celebre a vida em espanto e energia.

A citação abaixo, originalmente, fala sobre um cão doméstico tornando-se lobo, mas poderia ser sobre momentos particulares da criação. Em qualquer área:

Há um êxtase que marca o início da vida, o qual não se pode ultrapassar. Esse é o paradoxo de estar vivo. O êxtase acontece quando se está mais acentuadamente vivo e, ao mesmo tempo, quando esquecemos que estamos vivos. Esse êxtase, esse abandono diante da vida apanha o artista acima e fora de si próprio como se fosse um relâmpago; abate-se sobre o soldado, enlouquecido pela batalha, levando-o ao pânico e a recusar-se a retornar ao quartel. [...] Ele estava dominado pelo estigma do surgimento da vida, pela origem do seu próprio ser, pelo desfrutar do momento livre de cada um de seus músculos.³

SOBRE A DUREZA

A natureza das atividades atuais envolvem a rigidez. Atritos, choques, marteladas, cortes e soldas tornaram-se corriqueiros. Entrei em contato com materiais sólidos, escaldantes, pesados e subterrâneos.

Esta relação começou lentamente, ao perfurar uma partitura em cartões de loteria para uma peça com a ajuda de um martelo; uma das atividades que compõe minha rotina e tem alimentado o processo que classifiquei a algumas linhas acima como *realização e prospecção de idéias*. Hoje já estou dobrando barras em aço capazes de sustentar uma casa.

³ LONDON, Jack. *O Chamado Selvagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. Página 52.

Passo um tempo considerável martelando. Imprimindo um ritmo de som e força sobre uma superfície, o qual considero *mântrico*. Esta espécie de transe me leva à concentração extrema em relação ao que estou fazendo, ao mesmo tempo que me põe em sintonia com o que pode estar acontecendo ao redor de mim. Italo Calvino em *Seis Propostas para o próximo milênio*, classificou essa percepção como o equilíbrio complementar e inseparável entre Mercúrio e Vulcano; a participação do mundo em tudo aquilo que fazemos e a focalização construtiva para tal. O autor vai além, ao analisar as forças que o compelem a escrever:

*A concentração e craftsmanship de Vulcano são as condições necessárias para se escrever as aventuras e metamorfoses de Mercúrio. A mobilidade e a agilidade de Mercúrio são as condições necessárias para que as fainas intermináveis de Vulcano se tornem portadoras de significado, e da ganga mineral informe assumam forma os atributos divinos, cetros ou tridentes, lanças ou diademas.*⁴

Perceber como outro indivíduo foi capaz de expressar com tanta precisão como o trabalho físico extenuante ao invés de nos tirar das coisas do mundo, pode nos tornar mais atentos a elas e contribuir para a geração de significado que este trabalho deseja atribuir sobre o que for que estivermos criando, quando em consonância com o mundo, são tranquilizadoras. Palavras assim são encantamentos que curam bolhas nas mãos.

SOBRE O DESLOCAMENTO

Andar, a arte da progressão colocando um pé metodicamente adiante do outro, é o meio de locomoção mais venerável e universal da humanidade e o tem sido durante um milhão de anos. Andar no sentido mais nobre é um progresso regular inspirado pelos bosques e pelas colinas, por rios e pelas flores do campo, uma fruição serena das eternas fontes de alegria. Andar leva à meditação. Ou talvez se devesse dizer que só aqueles de espírito filosófico andam, verdadeiramente, receptivos à beleza que está por toda parte na natureza não poluída pelo homem.

Enciclopédia Britânica

⁴ CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. Página 66.

O texto acima descreve um dos atos mais singulares da condição humana, mas o que impressiona é sua origem. A doura e contida Enciclopédia Britânica. Esta é a tradução para o verbete *Walk*.

Um andarilho experiente carrega consigo apenas o que pode, deixando espaço para que o resto lhe seja ofertado pelo próprio caminho. Para se andar genuinamente é necessário estar leve. E talvez não haja condição mais difícil. Porque não estamos falando de como cobrir distâncias com pouca bagagem, mas de como residir no processo que o caminhar proporciona. Uma viagem não se distinguiria pela relevância objetiva dos lugares visitados, nem pela quantidade mensurável do movimento; mais do que se estar no espaço, se ser no espaço. Algo atingível quando nossa carga, nosso fardo intelectual é abrandado e cria-se uma qualidade de apreciação perceptual que se aproxima da inocência, do não julgamento, da contemplação. O caminho passa então a ser determinado pela intensidade de afetos, de propriedades do local; o cheiro, os ruídos, as cores passam a ser o mapa do peregrino e a direção é encontrada magneticamente por sua carne.

Andar é um exercício nobre, um gesto tão potente e ao mesmo tempo tão simples e delicado, tal a deriva de se estar em arte. Ambos proporcionam estados de transcendência no íntimo de seus processos. Segundo a crítica Anne Seymour em *Walking in Circles* seguir como andarilho:

*Para o cristianismo é o caminho do romeiro, o caminho da verdade e da vida. Para o Taoísmo é o Grande Caminho, a passagem para luz através do obscuro, a passagem adiante que é o retorno. Para o Zen Budismo é o caminho da elevação o mushin, o estado em que a mente não encontra obstáculos, está acima de si, além da vida e da morte, do ganho e da perda, da vitória e da derrota.*⁵

Um exemplo surpreendente do uso mágico da caminhada foi feito em novembro de 1974 pelo cineasta alemão Werner Herzog. Ao saber que sua amiga Lotte Eisner – famosa historiadora do cinema expressionista alemão – estava agonizando na França, ele percorreu a pé os quase mil quilômetros que separam Munique de Paris. Munido de um casaco, uma bússola e uma sacola com o indispensável, Herzog enfrentou 22 dias de frio e tempestades de neve, com a certeza de que *ela viveria se eu fosse encontrá-la a pé*, como afirma no livro

⁵ SEYMOUR, Anne. *Richard Long - Walking in circles*, 1991. Londres: Thames and Hudson. Página 29.

Caminhando no Gelo. O homem que cobre uma grande distância para um compromisso importante a pé é um homem honesto.

Ouvi que Borges, mesmo após ter perdido a visão pediu para ser levado ao deserto do Saara. Lá chegando disse que os cafés e livrarias de Buenos Aires, sua Londres, a Biblioteca de Alexandria, as Mil e Uma Noites e tudo o que ocorreu em sua vida até aquele momento, só se justificavam porque o elevaram àquela paisagem a ponto de poder dizer, segurando um punhado de areia que a poucos passos depois jogou novamente ao solo, a frase: *eu modifiquei o Saara.*

Ando porque confio na sabedoria silenciosa do caminho, em seus encantos e achados. Ainda não conheço outro modo mais direto de diluição, de amalgamar-me, de me perder e de me reencontrar nas coisas do mundo. Escamar-se. Ando pelo desaparecimento, como uma atividade que combina entrega e abandono.

Ando porque sou preso de inquietação insuportável em saber o que há adiante. Sou motivado pela busca e pelo desejo de pertencimento. Pela esperança de me ver espelhado nas coisas do mundo e saber que não passo de um reflexo de tudo o que me cerca. Mas num misto de alívio e decepção, nunca encontro exatamente aquilo que procuro e sou obrigado a continuar. Talvez a beleza deste jogo esteja justamente na impossibilidade do encontro com o que se pensa querer.

SOBRE HIERARQUIA

Andar em um dia de sol e em um dia nublado. Fazer o mesmo trajeto nessas duas condições climáticas é estar em dois lugares diferentes movido pelo mesmo estímulo. Em ambos, como diz o filósofo poeta, *valores vegetais nos comandam*, mas a variação dos tons ofertados pela natureza da luz, nos leva a lugares distintos.

Nunca o sol prevalece. Ele ilumina o percurso, mas quem dá nitidez ao mundo são luminescências internas. O astro, *claro*, as vai temperar. Mas nos dias em que se faz presente, a sedução se dá por um desdobramento inevitável de seu brilho, não por sua luz. Num dia ensolarado sou guiado pelas sombras; de algum modo elas tornam-se tão ou mais importantes que as coisas. São recortes planos que dançam no relevo com tanta força que deixam de estar acorrentados aos corpos e ganham poder. Tornam-se causa e não mais efeito.

Como Peter Pan, sou conduzido a locais em que aventuras se abrirão se permitir seguir meu reflexo volúvel. Talvez para alguém acostumado ao mistério como Pan isso não faz grande diferença. É um empecilho, mais do que oportunidade; sua sombra fujona o leva a casa de Wendy, onde pede a jovem que a costure de volta em seus pés. Mas será que desconsiderou que quem o trouxe a casa daquela com quem tanto irá se envolver foi seu duplo desgarrado? Não sabemos. Afinal isso não é um problema para ele. Já para um indivíduo limitado e preso ao solo, afrouxar as linhas que ligam à sombra ao corpo e deixar que ela guie um passeio por suas primas seja uma das poucas oportunidades de vencer a gravidade. Enquanto acreditarmos em seus poderes uma nova realidade pode, mesmo que por um restrito espaço de tempo, se estabelecer.

Em minhas fantasias imagino um bloco maciço. Um monolito talhado pelo homem em matéria dura que foi esquecido no campo. Esse corpo gera uma sombra, resultado de sua qualidade de anteparo. Ele é uma sombra esquecida no campo. A matéria sólida de que é constituído também é capaz de desejar. E há um desejo. O desejo por seu duplo refletido no chão. Em certa hora do dia ele observa seu vulto escuro estampado na paisagem e gosta do que vê. Na sua justa medida, quer aprisionar aquela forma, mas é impossível. O sol mudará de posição e a levará consigo. Ao menos que ele se esforce para sustentá-la. O que seria uma escultura potente: um corpo que modifica sua posição durante o dia todo, que gira nos três eixos crescendo e encolhendo para ter consigo a sombra pela qual construiu afeto. Essa seria uma bela peça, uma bela inversão de hierarquia.

SOBRE O ISOLAMENTO

Esta talvez seja a ilha mais delicada deste arquipélago. É com certeza também a mais distante e difícil de alcançar. Talvez por isso a mais sedutora e onde residem as criaturas mais exóticas. Ainda estou planejando minha ida, mas a pesquisas já começaram e reúno o relato de alguns exploradores corajosos que lá estiveram.

Na primavera de 1845, Henry David Thoreau recebeu uma carta do antigo professor de Harvard e amigo William Ellery Channing com o seguinte trecho:

*Você ainda me parece a velha moeda de sempre, um pouco enferrujada, mas uma moeda genuína. Não vejo outra coisa para você nesta terra a não ser construir uma cabana e ali começar o processo de devorar a si mesmo vivo.*⁶

⁶ THOREAU, H.D. *Caminhando*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2006. Página 50.

Em poucos meses com o auxílio de ferramentas emprestadas Thoreau construiu uma cabana de 3 x 4,5 metros as margens do lago Walden, no condado de Concord em Massachusetts e ali residiu por dois anos, dois meses e dois dias.

O domínio físico do campo tinha seu equivalente em mim. As trilhas que eu fazia conduziam para fora, aos morros e pântanos, mas levava para dentro de mim também. E do estudo das coisas no caminho, e de ler e pensar, veio uma espécie de exploração, eu e a terra. Com o tempo, ambos se tornaram um em minha mente. Com a força de acumulação de uma coisa essencial se realizando a partir do chão primevo, encarei em mim mesmo um anseio apaixonado e tenaz – abandonar para sempre o pensamento e todas as complicações que traz consigo, tudo menos o desejo mais próximo, direto e penetrante. Tomar a trilha e não olhar para trás. A pé, com raquetes de neve ou de trenó, nos morros de verão e suas sombras tardias enregelantes – uma marca alta nas árvores, um rastro na neve mostraria para onde fui. Que o resto da humanidade me encontre, se puder.⁷

CONCLUSÃO

Segundo a antropologia, ritos de passagem constituem transições entre estados. A transição é encarada como um processo, um devir, uma transformação. Usualmente vêm marcada por três fases: separação, margem e agregação. A fase inicial de separação compreende o afastamento do indivíduo de seu ponto fixo na estrutura social, ou de seu conjunto de condições culturais. Na fase liminar, o estado do *sujeito ritual* é ambíguo; ele percorre um reino em que têm poucos ou nenhum dos atributos dos estados passados ou vindouros. E na terceira fase, sua passagem é efetivamente consumada. Aquele submetido a este procedimento é denominado *neófito*.

No decorrer do período liminar ele é “invisível”. Possui presença física, mas não social. Uma condição que apresenta funcionalidade dobrada. Ele é ao mesmo tempo, não-mais-classificado e ainda-não-classificado. Na medida em que não é mais classificado, os símbolos que o representam provém de associações com a

⁷ HAINES, John. *As Estrelas, a neve, o fogo: 25 anos nas regiões selvagens do norte*. Minnesota. Graywolf Press, 1989.

morte, a finitude e a putrefação. Já o outro aspecto, de não estar ainda classificado, se expressa por meio de símbolos cujos modelos são os processos de gestação, nascimento e aleitamento. A característica essencial dessas simbolizações é que, de um lado, o neófito não está nem vivo nem morto e, de outro, está vivo e morto. Sua condição é de ambigüidade, de paradoxo e mutação. Encontra-se sustentado entre duas realidades que lhes permitem a potência afirmativa e o desaparecimento, conjuntamente. Em última análise é um ser “aquém e além” de pontos fixos.

Durante este período, além das diversas provações que é obrigado a enfrentar, o neófito é encorajado a refletir sobre sua sociedade, seu cosmo, e os poderes que o geram e sustentam. A liminaridade pode ser em parte descrita como um estágio de reflexão. Nele as idéias, sentimentos e fatos que até aqui, tinham aparecido ao neófito em configurações herméticas e foram aceitos sem pensar, são, por assim dizer, decompostos em seus elementos e permitem a construção de novos modelos e parâmetros de investigação, não mais de forma ingênua ou passiva.

A divagação ou digressão é uma estratégia para protelar a conclusão, uma multiplicação do tempo no interior da obra, uma fuga permanente; fuga de quê?

*Da morte naturalmente.*⁸

Como no início deste texto, mais uma vez me protejo sobre a sombra de palavras mais experientes. Meu roteiro se deu e essa simetria final, talvez seja a única evidência de continuidade, de que algo retornou a algum ponto em que começou. Mas isso não importa muito neste momento, porque pontos de contato, coincidências e regularidades não são modelos, apenas consequências deste estranho feltro prensado, que me envolvo e sigo. Ainda há muito o que explorar e refletir sobre cada um dos tópicos apresentados. Tenho certeza ainda, de que outros novos virão. Mas o momento atual é de apontar direções para mundos e, mais importante ainda, criar condições para que estas viagens realmente se dêem. Há muito, mas muito mesmo do que se desprender antes de conseguir dar um passo efetivo. Mas estou cada vez mais leve.

⁸ CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. Página 59.

BIBLIOGRAFIA

- BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BACHELARD, Gaston. *A Poética do Devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil Platôs - Capitalismo e Esquizofrenia, Vols. 1 e 5*. São Paulo: Editora 34, 2005.
- HAINES, John. *As Estrelas, a neve, o fogo: 25 anos nas regiões selvagens do norte. Minnesota*. Graywolf Press, 1989.
- KRAKAUER, Jon. *Na natureza Selvagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- LONDON, Jack. *A Estrada*. Rio de Janeiro: Boitempo Editorial, 2008.
- LONDON, Jack. *O Chamado Selvagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SEYMOUR, Anne. *Richard Long - Walking in circles*. Londres: Thames and Hudson, 1991.
- THOREAU, H.D. *Caminhando*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2006.
- THOREAU, H.D. *Walden – A vida nos bosques*. São Paulo: Global Editora, 1984.